

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**REDES DE SOCIABILIDADE NA COMUNIDADE SANTANA DO MIRITI –  
ASSENTAMENTO DE VILA AMAZÔNIA, PARINTINS (AM)**

**Adailson Barroso de Souza**

**PARINTINS  
2025**

## REDES DE SOCIABILIDADE NA COMUNIDADE SANTANA DO MIRITI – ASSENTAMENTO DE VILA AMAZÔNIA, PARINTINS (AM)

Adailson Barroso de Souza<sup>1</sup>  
Estevan Bartoli<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa é uma análise das redes de sociabilidade na Comunidade Santana do Miriti, localizada no Assentamento da Gleba de Vila Amazônia no Município de Parintins, identificando como as relações sociais e produtivas que moldam o fluxo entre o ambiente rural e o urbano da região. Nesse sentido lançou-se mão dos estudos voltados para redes sociais (Marques, 2010; Granovetter, 1985) e sobre o Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho (STUR) (Bartoli, 2018, 2020), na propositura de articular as abordagens qualitativas e descritivas no estudo. A coleta de dados se deu com aplicação de formulários e entrevistas abertas com os moradores locais, principalmente, com o entrevistado desta pesquisa. Dessa forma, evidencia-se que as redes de sociabilidade, se baseiam em laços de parentescos, vizinhança e cooperação, sustentando as práticas produtivas e de comercialização de produtos da agricultura familiar e do agroextrativismo. Além disso, constatou-se que as redes são interdependentes do espaço urbano, revelando a integração socioespacial característica dos territórios amazônicos contemporâneos.

**Palavras-chave:** Redes de sociabilidade; Agricultura familiar; Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho (STUR).

### 1 INTRODUÇÃO

A Amazônia vem passando por um intenso processo de urbanização nas últimas décadas, pode-se observar simultaneamente as transformações profundas na estrutura das cidades e de certa resistência nos territórios rurais. Essas transformações revelam espaços regionais marcados pela coexistência entre o novo e o tradicional, que vem sendo estudado por diversos autores como Berta Becker, Milton Santos, Bartoli e Souza, onde há abertura para infraestruturas modernas, economia ampliada e mobilidade populacional, alinhado ao modo de vida ribeirinho, que não abrem mão da vivência em comunidades interioranas, mas reinventam-se ao persistirem nas localidades. Diante disso, o espaço amazônico torna-se híbrido, fazendo urbano e rural serem complementares.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. E-mail: abds.geo22@uea.edu.br.

<sup>2</sup> Professor Dr. em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. E-mail: ebartoli@uea.edu.br

Diante do exposto, os assentamentos rurais funcionam como espaços de interação social e experimentação das novas formas de produção, vendas e trocas, sociabilidade. A compreensão dessa dinâmica implica no reconhecimento das redes sociais e territoriais como conexão entre comunidades locais e as cidades mais próximas, evidenciando como é estruturado o cotidiano desses sujeitos. Nesta realidade, que a pesquisa busca contribuir no entendimento dessas relações, tomando a Comunidade Santana do Miriti como local da pesquisa, localizada no Assentamento de Vila Amazônia, no município de Parintins (AM), inserida em um contexto típico do Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho (STUR) da região.

O Objetivo Geral deste estudo é de analisar as redes de sociabilidade da Comunidade Santana do Miriti, localizada no Assentamento Vila Amazônia em Parintins (AM), buscando compreender como as relações sociais, produtivas e territoriais estruturam os fluxos de troca, cooperação e comercialização de produtos se conectam entre o rural e urbano na região.

Os objetivos específicos são: (i) descrever a trajetória de vida do sujeito pesquisado, destacando os vínculos familiares, produtivos e de vizinhança que compõem sua rede de sociabilidade; (ii) identificar e caracterizar os fluxos materiais e imateriais presentes na rede, com ênfase nas formas de ajuda mútua, trocas e comercialização de produtos da agricultura familiar e do agroextrativismo; (iii) analisar os elementos paisagísticos, infraestruturais e ambientais que condicionam as práticas produtivas e o escoamento da produção na comunidade; e (iv) discutir de que maneira essas redes se articulam ao Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho (STUR), contribuindo para compreender as interdependências entre o espaço rural e o urbano na Amazônia.

Como base teórica utilizou-se como análise as redes de comercialização e sua relação com o (STUR), os seguintes autores: Granovetter (1985), Marques (2010), Castells (1999) e Bartoli (2018, 2020), e para compreensão dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa utilizou-se Gil (2002).

## **1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa, se classifica como estudo de caso exploratório e descritivo, com abordagem quanti-qualitativa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.14) “A Metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o

processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas”. Pensar em procedimentos metodológicos é traçar o caminho que o pesquisador precisa trilhar para encontrar as respostas necessários para sua problemática, examinar quais métodos e estratégias estão mais adequados para realização da pesquisa.

Nesse sentido, esta pesquisa se caracteriza de caráter exploratório e descritivo, colocando o pesquisador de maneira mais aproximada a realidade. Assim, a mesma volta-se para resolução de problemas e indagações afim de encontrar respostas através do conhecimento científico, sendo assim, seguirá uma abordagem qualitativa, com apoio de procedimentos quantitativos, para uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado. O critério utilizado para as entrevistas, foi em virtude de os indivíduos compartilharem de laços de parentesco biológicos e por serem vizinhos.

O estudo para a realização desta pesquisa, usou a abordagem mista para investigar o entendimento sobre as inter-relações entre os aspectos sociais, econômicos e territoriais que caracterizam os Sistemas Territoriais Urbano-Ribeirinhos (STUR) entendida por Chizzotti (1998, p. 12) como “uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem”, isto é, observar os fatos, o ambiente, as pessoas, a maneira como as redes sociais se estruturam

Segundo Gil (2002, p. 61), a pesquisa exploratória “tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa”. Já a pesquisa descritiva, conforme Vergara (2007), preocupa-se em relatar com precisão os fatos e fenômenos de uma determinada realidade, sem manipulá-los. Nesse sentido, a combinação dessas abordagens permite levantar informações relevantes, compreender o ambiente estudado e oferecer subsídios para interpretações mais aprofundadas.

A pesquisa partiu da revisão bibliográfica e levantamento documental sobre as redes sociais e suas peculiaridades nesse território. Além disso, foram analisadas produções acadêmicas sobre a cidade de Parintins e da Amazônia. Essas produções incluíram artigos, sites oficiais com reportagens, teses e dissertações. O mapeamento dos dados obtidos, teve como suporte de registro: diário de campo, gravadores e celular para registro das ações, ainda como ferramenta ou técnicas os questionários diagnósticos e semiestruturados nos possibilitou observar as relações e conexões que este lugar possui.

Para o alcance dos dados, utilizou-se a aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, que retratou as seguintes questões: informações sobre a composição familiar, escolaridade dos provedores, renda mensal, ocupação/trabalho, tempo de residência naquela comunidade, com intuito de compreender o perfil socioeconômico dos participantes. Em seguida, buscou-se mapear as redes sociais e as formas de produção desenvolvidas pelos comunitários, as principais práticas econômicas, se há ou não situações de trocas de mercadorias, cooperação ou comercialização dos produtos.

Os resultados alcançados por meio dos questionários foram organizados no Microsoft Word, preenchidos manualmente, depois digitalizados, em seguida as respostas foram transcritas. A análise qualitativa do conteúdo, foi complementada com as observações diretas de campo.

A utilização desse método possibilita uma leitura integrada com os aspectos que estruturam o sistema urbano-ribeirinho. O suporte teórico tem como base os estudos de Marques (2000; 2019), que trata da relação de interdependência entre os diferentes atores sociais, e (Bartoli, 2012; 2016; 2020), considerando o território como produto e condição das práticas sociais que nele se desenvolvem

## **2. REDE DE COMERCIALIZAÇÃO NO SISTEMA TERRITÓRIAL URBANO-RIBEIRINHO (STUR):**

O conceito de redes de comercialização refere-se a um conjunto de interações, fluxos e relações estabelecidas entre vários agentes que participam do processo de circulação de bens ou serviços como produtores, atravessadores, receptores e consumidor final. Essa relação articula-se por meio de arranjos logísticos, e sociais que possibilita o deslocamento da mercadoria ao longo de diferentes escalas territoriais.

As abordagens das redes de comercialização são exploradas em diferentes campos. Para Souza (2010), dentro da perspectiva da economia e da sociologia urbana, o “mercado como rede” vem romper com o clássico, na medida em que entende o mercado como além do encontro entre oferta e demanda, dando ênfase a interdependência e aos vínculos concretos entre os agentes econômicos. Portanto, o mercado é entendido como um sistema de relações seja material ou imaterial, onde as relações de trocas e comercialização são sustentadas por redes sociais, fortalecendo confiança entre diferentes agentes desse processo como afirma Marques (2019).

Nessa perspectiva, trazendo para o contexto amazônico, especificamente aos Sistemas Territoriais Urbano-Ribeirinho (STUR), aparecem situações relacionadas à organização territorial, a locomoção fluvial e a economia popular. Como afirma Bartoli (2016; 2020), o (STUR) configura-se como um arranjo híbrido que integra urbano e ribeirinho, esses elementos tornam a rede de comercialização articulada e funcionando como intermediação entre produção local e agentes mercantis mais distantes.

A rede de comércio urbano-ribeirinho, em sua maioria, ocorre em feiras livres, porto e em algumas das rotas fluviais, que interlaçam produtores e comerciantes ao consumidor final. Os produtos da região como peixes, frutas, madeira, artesanato e farinha, são produzidos nas comunidades ribeirinhas e ofertados nas áreas urbanas, enquanto os industrializados ganham espaço nas áreas ribeirinha trazidos da cidade para as comunidades. De acordo com Bartoli (2020), essa troca em que se relacionam economia formal e informal revela uma complexa rede de comercialização.

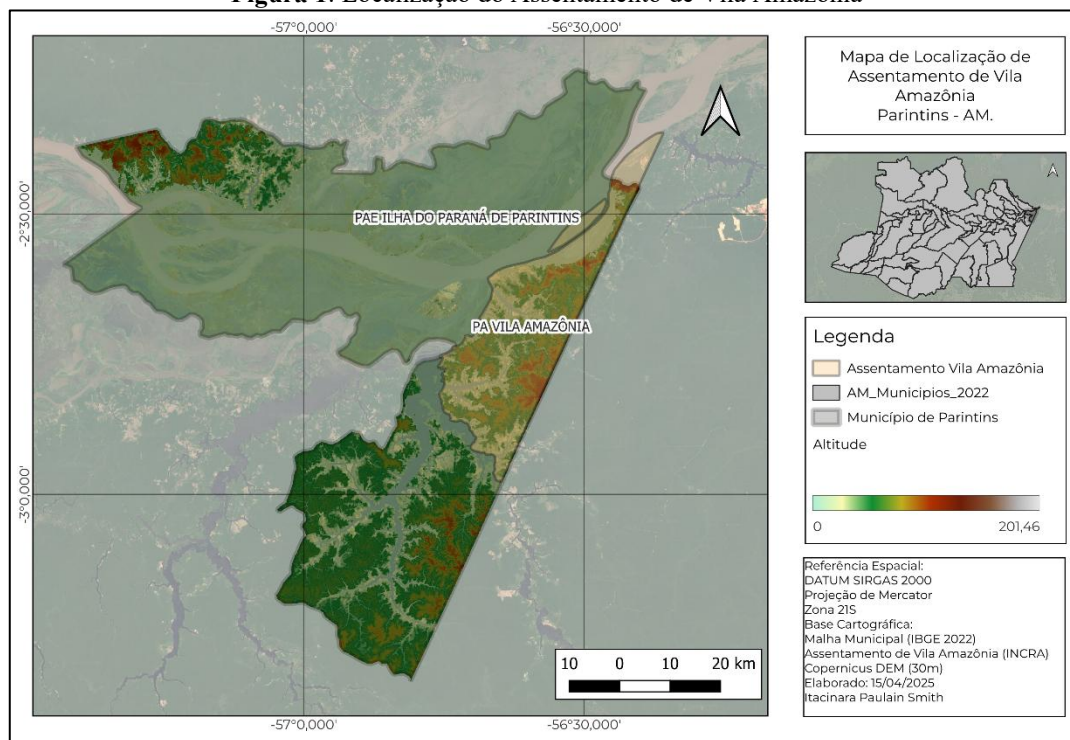
Com isso, as redes sociais no (STUR) não estão restritas aos canais formais do comércio, mas envolve também as práticas informais como as trocas entre vizinhanças, redes familiares e os circuitos de solidariedade, que aprimoram a circulação de bens e saberes regionais. Portanto, este estudo permite compreender como o comércio conduz a interação entre diferentes agentes e espaços, mais que negociação, o (STUR) configura-se como um dos eixos fundamentais da integração e da reprodução desses sistemas territoriais.

### **3 ASPECTOS CONTEXTUAIS DA VILA AMAZÔNIA**

O município de Parintins localizado no Baixo Amazonas, fica a 369,21 km de distância de Manaus, capital do Estado do Amazonas, está situado à margem direita do Rio Amazonas, possui 186 comunidades, dentre elas a Gleba de Vila Amazônia, que fica na divisa entre os estados do Amazonas e o Estado do Pará.

A Gleba de Vila Amazônia (Figura 1), possui mais de 300.000 hectares, e faz parte da implementação do I Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República, segundo Medeiros (2017, p. 169), foi “criada pelo então Presidente da República José Sarney, no dia 25 de setembro de 1987, que desapropriou 78.270 hectares, sob a condição de assentados”. De acordo com Pinheiro e Sicsú (2020), a Gleba de Vila Amazônia possui 64 comunidades.

**Figura 1:** Localização do Assentamento de Vila Amazônia



Fonte: IBGE (2022). SIRGAS 2000. QGIS. Organizador: Itacinara P. Smith (2025)

No momento da implementação do assentamento da Gleba de Vila Amazônia, residiam segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, 2.478 famílias beneficiadas com os lotes da Reforma Agrária. Hoje, segundo o Conselho dos Assentados da Gleba de Vila Amazônia (COAGVA), residem 2.472 famílias.

Santos (2002) entende o espaço como construção social onde os aspectos fixos (infraestrutura, equipamentos, solo, habitação) e os fluxos (mercadorias, pessoas, informações) são indissociáveis. Alguns aspectos físicos e socioambientais do sítio influenciam tantos os fluxos quanto as redes sociais e de produção. Dessa forma, os aspectos naturais como relevo, tipo de solo, acesso e hidrografia são características que compõem o espaço.

As comunidades nas áreas de terra firme, como essas da gleba Vila Amazônia, os aspectos ambientais são ainda mais determinantes, pois estas áreas oferecem o solo menos fértil. De acordo com Silva (2017, p. 22-23), o solo da unidade 03, composta pelas comunidades Nossa

Senhora de Nazaré, Bom Socorro, Paraíso e Nossa Senhora das Graças, é um Espodossolo<sup>3</sup>, o que dificulta a produção e limita a o fortalecimento das redes produtivas em maior escala.

Outro fator, é o acesso à energia elétrica, que apesar da comunidade ter o acesso, ainda apresenta muitas interrupções, essa infreqüência limita a refrigeração de alimentos, a comunicação e acesso as redes de internet e o uso de maquinários. Segundo Haesbaert (2004, p. 313),

Escolhemos a expressão ‘aglomerados de exclusão’ para traduzir a dimensão geográfica ou espacial dos processos mais extremos de exclusão social porque ela parece expressar bem a condição de ‘desterritorialização’ – ou de ‘territorialização precária’ – a que estamos nos referindo [...].

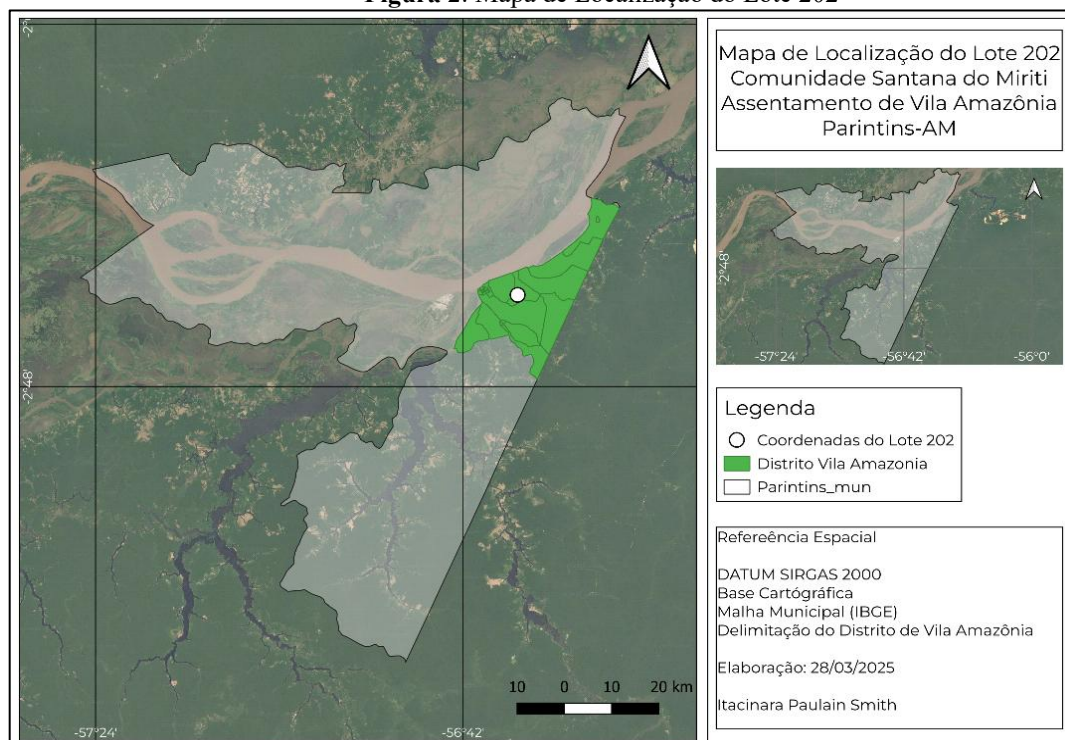
Ao falar em situações que configuram territorialidades precárias ou parciais, é na perspectiva de afirmar, que a exclusão social também é territorial. Ao analisar uma comunidade rural na Amazônia, no Amazonas, em Parintins e na Vila Amazônia é evidente a ausência de infraestrutura, e podemos observar que a “territorialidade da região é precária”.

Dentre esses recursos precários está o acesso à água, que difere das áreas de várzea, sendo mais limitado, influenciando diretamente as redes de comercialização e de circulação. De acordo com Corrêa (1997), as características físicas dos espaços atuam como mediador influenciando o processo, mas não o determinando. Na terra firme, os aspectos do sítio natural apresentam redes mais fragmentadas, que sofrem pela sazonalidade e dificuldades dos rios serem mais distantes para conectar rural ao urbano.

---

<sup>3</sup> São solos, em geral, moderada a fortemente ácidos, normalmente com saturação por bases baixa (distróficos), podendo ocorrer altos teores de alumínio extraível.

**Figura 2:** Mapa de Localização do Lote 202



Fonte: IBGE (2022). SIRGAS 2000. QGIS. Organizador: Itacinara P. Smith (2025)

Hoje no assentamento, possuem diversas edificações, como escolas municipais e escolas do estaduais. Nas comunidades Santa Rita e Boa Esperança, as escolas são de Ensino fundamental I e II, e de Ensino Médio, sob a responsabilidade do Estado. E na comunidade do Laguinho, a responsabilidade é do município. Possui também: Posto de Saúde, Posto Policial, Centro Comunitário, Igrejas Católicas e Evangélicas.

A Comunidade do nosso entrevistado que faz parte da Gleba, é a Santana do Miriti, pertence a Gleba de Vila Amazônia, fica à 6.73 km de distância da sede do assentamento, e está à 7.13 km da cidade de Parintins (aproximadamente 30 minutos via embarcação).

### 3.1 TRAJETÓRIA DE VIDA.

A Gleba de Vila Amazônia, possui várias famílias que trabalham com a agricultura e essa pesquisa foi realizada com um dos moradores antigos da comunidade pesquisada. O

entrevistado, nasceu, cresceu, constituiu família na vila Amazônia. O terreno que hoje ele utiliza para a sua produção, foi herdado de seus genitores.

Segundo os dados no site do Ministério do Desenvolvimento Agrário / Inca / Relação de Beneficiários / Amazonas (2025, p. 970), o Sr E. B. de S., encontra se registrado com o Código do Beneficiário: AM001300000197, Data da Homologação no PNRA 18/11/2000, situação atual Assentado. Recebeu o Título de Concessão de Uso do INCRA, em 22 de fev. de 2022.

Além desse terreno na vila Amazônia, possui uma casa de madeira no Bairro Teixeirão, na cidade de Parintins, que foi adquirida legalmente, sem o processo de ocupação, isto é, a vivência do mesmo caracteriza territorialidade entre rural e urbano.

O Senhor E. B. de S., tem 63 anos, casou-se duas vezes. Com a primeira esposa, teve dois filhos. Com a segunda esposa, teve dois filhos e uma filha de criação. O entrevistado, teve dois filhos, fora dos casamentos, que foram concebidos antes, na qual possui pouco contado, visto que, um mora no município de Barreirinha e o outro no município de Juruti no Estado do Pará. Com relação aos outros filhos, o contato é feito quase que diariamente.

O Entrevistado nasceu e cresceu na Comunidade Santana do Miriti, que faz parte da Gleba de Vila Amazônia, veio muito jovem para a cidade de Parintins para estudar. Começou a trabalhar como ajudante em uma embarcação que fazia viagens para Manaus.

Ao retornar para a comunidade, iniciou sua atividade na produção de alimentos na agricultura familiar e do agro extrativismo, há mais ou menos trinta anos. O entrevistado, possui uma renda média hoje, de R\$1.200,00 (um mil e duzentos reais), oriundo do serviço de maquinista.

Na época em que trabalhava com a venda de produtos provenientes da agricultura familiar, a sua renda média mensal era de R\$1.800,00 (um mil e oitocentos reais), na qual cativou uma rede de sociabilidade expressiva. Por possuir uma embarcação tipo bajara<sup>4</sup>, o que facilita no transporte de seus produtos, dos parentes e amigos até a sede do município. Geralmente por necessidade de dinheiro em mãos, os passageiros que utilizavam seu transporte, realizavam através de troca o pagamento com produtos a passagem, e os receber revendia.

---

<sup>4</sup> Embarcação de pequeno porte com cobertura, acoplada com motor de rabeta, também conhecido como centro-rabeta.

As despesas com essas viagens, eram com a gasolina e com o óleo, consumia oito litros de gasolina e quatro litros de óleo por viagem, com uma duração de 30 minutos até Parintins, e quando dava problema no motor, ele gastava em média R\$400,00 (quatrocentos reais), com as compras das peças.

O local que o Sr. E. dos S. possui na comunidade Santana do Miriti, também moram dois irmãos, quatro sobrinhos, dois primos e um amigo, onde plantam diversos produtos da agricultura familiar, que se fazem parte da rede de sociabilidade, onde existem trocas e ajudas mútuas.

A rede de sociabilidade era ampla, e sempre ocorria a troca de alimentos, com os primos, vizinhos e até mesmo com visitantes. Essas trocas com os vizinhos, eram diárias, e com os visitantes eram semanais, e com os primos eram mensais.

Em março de 2018, o senhor E. de S., sofreu um acidente grave, que lhe impediu de trabalhar, por um bom tempo. Teve queimaduras de terceiro grau, na coxa e perna direita. O acidente ocorreu, quando trabalhava em uma máquina no porão de uma balsa, e ao se movimentar o celular que estava em seu bolso, entrou em contato com a rede elétrica que estava próximo, e explodiu. Teve que jogar na água, para apagar o fogo.

Na época do ocorrido, veio para cidade de Parintins, e não deixou ninguém cuidando das suas plantações. Quando soube, estavam invadindo a sua propriedade. Teve que entrar na justiça pedindo a Reintegração de Posse.

Em virtude do acidente, ele teve que se afastar da comunidade, com isso, os Produtores, passaram a utilizar a Estrada, pois muitos adquiriram financiamento no banco, e conseguiram comprar um transporte motorizado, e hoje levam a produção, até o porto da vila Amazônia, e em seguida até Parintins. Esse transporte é feito pela balsa, que realiza as viagens de hora em hora, da Vila Amazônia até Parintins, e vice-versa. Essa Estrada, é interligada atualmente até a Serra da Valéria - ponto turístico de Parintins – localizada na divisa com o Estado do Pará, que está sendo pavimentada.

O entrevistado, possui várias lembranças, na época em que vivia na Comunidade, ele jogava bola, frequentava a missa aos domingos, ele alega, que a vida era muito boa. Tudo começou a mudar, quando os filhos começaram a vim para Parintins em busca de um melhor estudo. E em seguida a sua doença, que lhe deixou bastante debilitado. O mesmo pretende retornar para a comunidade, para trabalhar no seu terreno, vender os seus produtos, rever os

amigos, por mais que ele não consiga produzir a mesma quantidade de antes, mas ele pretende retornar a trabalhar com as suas plantações, que lhe trazia muitas alegrias e satisfação. No próximo mês, ele estará retornando, visto que, hoje ele se encontra totalmente recuperado de sua enfermidade, e tem o total apoio dos filhos.

### **3.2 Os mecanismos que moldam as redes e medeiam a sua mobilização.**

O Sr. E. B. dos S., passou boa parte de sua juventude fora da comunidade, teve a sua entrada precoce no mercado de trabalho, resultando na descontinuidade de seus estudos, ocorrendo com isso a transição relacional. De acordo com Marques (2010):

As relações, portanto, fazem parte do conjunto de elementos que constrói as condições de vida dos indivíduos em sentido multidimensional, produzidas de forma paulatina, tanto na constituição dos seus padrões de relação, quanto na aquisição de grande parte dos seus atributos. O resultado desses processos se acumula no tempo ao longo das trajetórias de vida e constitui os indivíduos como são em um dado momento (Marques, p. 188, 2010).

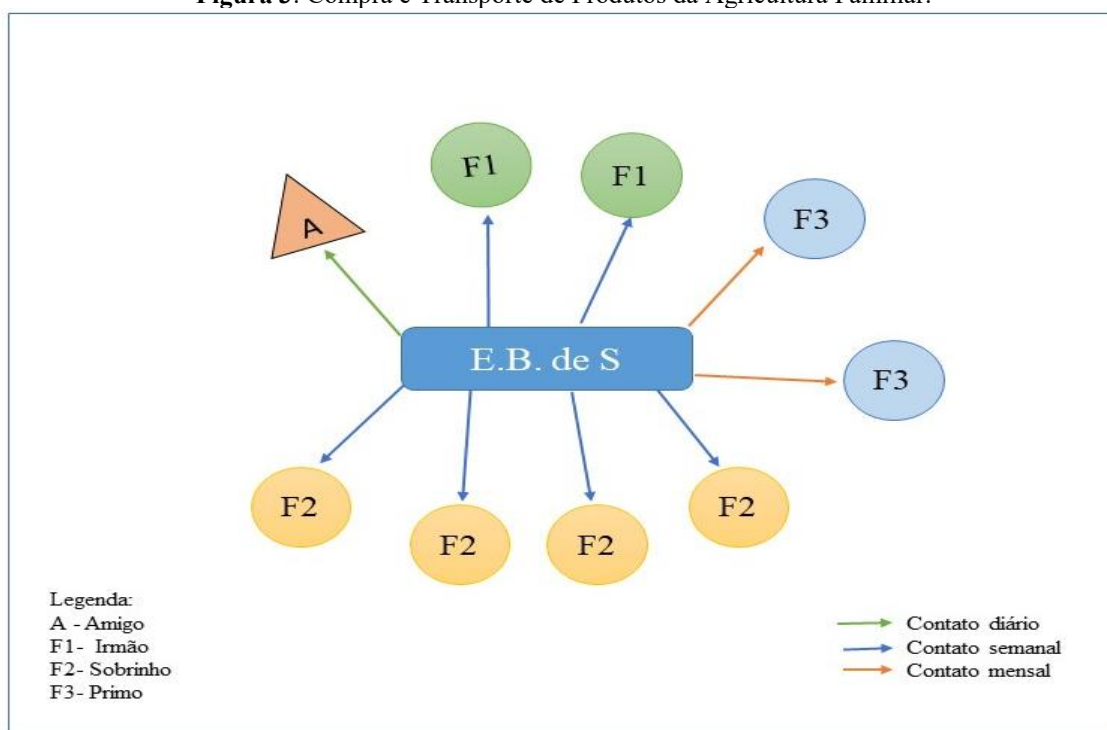
O entrevistado, ao mudar-se para a comunidade, sofreu diversas alterações em seus relacionamentos, tanto familiar, quanto às amizades, desde as mais antigas da época da escola, ou em seu bairro. A migração, constituindo um mecanismo relacional, segundo Marques (2010, 111), “[...] opera de forma constante e leva à perda de parte da estrutura relacional regularmente, gerando um efeito acumulado no tempo de redução das redes e empobrecimento da variabilidade da sua sociabilidade”

Quando o indivíduo muda a sua trajetória de vida, enfrenta diversas mudanças em suas redes de sociabilidades. E essas variações, mudam conforme o seu momento de vida e situações. E para vivenciar essa nova fase de sua vida, o entrevistado, buscou a confiança reforçada pela homofilia, em suas redes. De acordo com Marques (2010, p. 62), “os indivíduos costumam confiar em seus iguais, e as formas mais custosas ou crônicas de ajuda são veiculadas usualmente nas redes apenas por indivíduos em quem confia”.

Quando o entrevistado retornou para a comunidade, seus vizinhos e parentes, já trabalhavam com os produtos do agro extrativismo, o que o fez, seguir o mesmo caminho, mas diversificando a sua produção nessa região (fluxograma 1).

### 3.3. Fluxograma 1 - da rede de sociabilidade na comunidade Miriti

Figura 3: Compra e Transporte de Produtos da Agricultura Familiar.



Fonte: Barroso, 2025

Com a migração para a cidade, os produtos deixados de ser plantados pelo entrevistado em seu terreno, foram: a cana de açúcar, que era produzida um total de 01 hectare, perfazendo 240 (duzentos e quarenta) feixes de cana, onde a colheita era feita por ciclos de 04 meses; O maracujá, que estava plantado em uma área de ½ hectare, e produzia 120 sacas, a cada ciclo de 06 meses; E a mandioca, que estava plantada em 03 hectares, e eram produzidas 36 sacas farinha de mandioca. Da mandioca, também eram fabricados e vendidos, o tucupi, a crueira e a tapioca. Todos esses produtos, eram repassados para atravessadores, aqui em Parintins.

O Entrevistado mantém um contato semanal, com os irmãos, sobrinhos, primos e amigos. Esse contato ocorre pelo transporte dos produtos, que o Sr. E. dos S., transporta em sua bajará.

Possuí um amigo, seu vizinho, onde esse contato era diário. Ressalta-se, que o entrevistado hoje está tentando recuperar sua base produtiva e relacional, que se fragilizou ao longo dos anos. Mas, os produtos de sua antiga rede, ainda são comercializados (quadro 1):

**Quadro 1** – Relação dos produtos do agro extrativismo transportados e comercializados pelo entrevistado.

<b>Rede</b>	<b>Produtos oriundos do agroextrativismo</b>	<b>Nome científico</b>
<b>Entrevistado</b>	Cana de Açúcar,	Saccharum officinarum
	Maracujá	Passiflora edulis
	Abacaxi	Ananas comosus
	Farinha de Mandioca	É feita a partir da raiz da mandioca (Manihot esculenta)
	Tucupi	Líquido amarelo extraído da mandioca brava, que é uma espécie de mandioca altamente venenosa devido à presença de ácido cianídrico
	Crueira	Crueira é um subproduto da mandioca, é um resíduo sólido que sobra após a produção de farinha.
	Tapioca	Derivado da raiz da mandioca.
	Cupuacu	Theobroma grandiflorum
	Carvão	
	Ovos de galinha	Gallus gallus domesticus
<b>Irmão 1</b>	Macaxeira	Manihot esculenta Cratz
	Cará	Dioscorea alata
	Verdura	
<b>Irmão 2</b>	Macaxeira,	Manihot esculenta Cratz
	Jerimum	Curubita moschata
	Açaí	Euterpe oleracea
<b>Sobrinho 1</b>	Abacaxi	Ananas comosus
	Jerimum	Curubita moschata
	Açaí	Euterpe oleracea
	Verdura	
<b>Sobrinho 2</b>	Feijão	Phaseolus vulgaris
	Tucumã	Astrocaryum aculeatum
	Carvão	
<b>Sobrinho 3</b>	Macaxeira	Manihot esculenta Cratz
	Jerimum	Curubita moschata
	Açaí	Euterpe oleracea
	Verduras	
<b>Sobrinho 4</b>	Abacaxi	Ananas comosus
	Macaxeira	Manihot esculenta Cratz
	Jerimum	Curubita moschata
	Abacaxi	Ananas comosus
	Jerimum	Curubita moschata
	Cará	Dioscorea alata

<b>Primo 1</b>	Castanha do Brasil	Bertholletia excelsa
	Açaí,	Euterpe oleracea
	Tucumã	Astrocaryum aculeatum
	Farinha de Mandioca	É feita a partir da raiz da mandioca (Manihot esculenta)
	Carvão	
<b>Primo 2</b>	Galinha (Ave)	
	Cará	Dioscorea alata
	Castanha do Brasil	Bertholletia excelsa
	Verdura	

Fonte: Barroso, 2025

### 3.4 Aspectos Paisagísticos e as redes na comunidade:

Os elementos mais importantes que estruturam o sistema territorial em que as redes do entrevistado se conformavam, são: rotas fluviais (Figura 4 e 5); estradas de terra e ramais (Figura 6 e 7); moradia; produção rural; espaços de convívio comunitário (igreja e escola), (Quadro 2).

**Figura 4:** Porto da Vila Amazônia – Período da Vazante



Fonte: Barroso, 2024

**Figura 5:** Bajara – Período da enchente



Fonte: Barroso, 2024

**Figura 6:** Estrada Principal da Vila Amazônia, dá acesso as Comunidades, Santana do Miriti.



**Figura 7:** Ramal 1 – Que dá acesso para o Ramal 2 (Lote do Sr. E. B. dos S.)

Fonte: Barroso, 2025.

Fonte: Barroso, 2024

**Quadro 2 – Localização e Plantações no Lote 202.**

<b>Localização e Plantações do Lote 202</b>	<b>Descrição</b>
 A photograph showing a flooded area with green vegetation and a body of water under a cloudy sky.	<p>Lago do Miriti - Comunidade Nossa Senhora da Aparecida, por onde o entrevistado escoava a sua produção, no período da enchente.</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>
 A photograph of a building under construction with a wooden ladder leaning against it.	<p>Igreja em construção da Comunidade Santana do Miriti – Nossa</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>
 A photograph of a brick building under construction.	<p>Escola Municipal em construção, da Comunidade Santana do Miriti.</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>
 A photograph of a person working in a field of tall green plants.	<p>Plantação de Mandioca do entrevistado.</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>

	<p>Plantação de Tucumã (<i>Astrocaryum aculeatum</i>) e Pajurá (<i>Couepia bracteosa</i>) – Agroextrativismo. E o Açaí (<i>Euterpe oleracea</i>) agricultura familiar.</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>
	<p>Colheita do Tucumã (<i>Astrocaryum aculeatum</i>)</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>
	<p>Castanheira (<i>Bertholletia excelsa</i>) plantada no ano de 2010.</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>
	<p>Plantação de Cupuaçu (<i>Theobroma grandiflorum</i>)</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>
	<p>Cacimba (Poço com água potável), que o entrevistado utilizava para cozinhar e beber.</p> <p>Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso</p> <p>Data: 22/03/2025</p>



Casa construída em madeira, tipo palafita do Sr. E. B. dos S.

Fonte: Registro Fotográfico de Adailson Barroso

Data: 22/03/2025

Quanto a moradia, predomina na Gleba o uso da madeira, geralmente extraída próximo a comunidade. A distância do chão procura evitar animais peçonhentos, tendo no assoalho de madeira acesso de fácil obtenção. No quadro 3, a casa era a moradia principal do entrevistado.

Com o recente retorno a essa antiga morada, O Sr. E. de S., é consciente que enfrentará dificuldades, porque antigamente possuía um transporte motorizado, hoje tendo uma bicicleta, levando em média 45 minutos no trajeto do Porto de Vila Amazônia até o seu lote. Na área em que o entrevistado possui o seu terreno, não possui água encanada, nem energia elétrica. Com relação a água, ele afirma que é a falta de organização dos mesmos, pois eles precisam comprar os canos, para que a empresa de abastecimento de água, possa fazer a ligação. E com relação a energia, precisam se organizar para solicitar a implementação da rede hidráulica.

#### **4. RESULTADO E DISCUSSÕES.**

O relato do Entrevistado E. B. de S., da nossa pesquisa. O mesmo possuía uma bajará, uma carrocinha acoplada em uma moto. E hoje, possui apenas uma bicicleta. O transporte dos produtos, eram realizados semanalmente, com o destino a cidade de Parintins/AM.

Nesse trajeto, da Gleba da Vila Amazônia, até a cidade de Parintins, que durava em média 30 min., se consumia em média, oito litros de gasolina e quatro litros de óleo.

A Rede de Sociabilidade do Entrevistado, no período em que estava residindo na Comunidade Santana do Miriti, era bem extensa, visto que, eram todos parentes, e possuíam um objetivo comum, que a venda dos seus produtos, oriundos do agroextrativismo e da agricultura familiar.

E com relação as Rede familiar, ele possui grandes núdulos familiares, pois uma parte, reside próximo ao seu lote na Comunidade, outra parte, reside no Município de Parintins, que são os seus filhos, e a outra parte, reside em Manaus, Barreirinha e no Estado do Pará.

Em relação ao espaço Urbano, o Entrevistado, possui uma residência de madeira, no Bairro Teixeira, devidamente titularizada. A sua residência, fora adquirida de forma legal, sem intermédio de ocupação.

Com relação aos circuitos, ele comercializava os seus produtos, com os atravessadores do município de Parintins/AM.

O Entrevistado, possui uma afetividade pelo seu Lote lá na Comunidade Santana do Miriti. Ele nos informou ainda, que sente muita falta da vida que ele levava lá em seu terreno, e que por isso ele estará retornando no próximo mês para trabalhar, no que ele mais gosta, visto que, ele está recuperado de sua enfermidade.

O Entrevistado, é membro do Conselho dos Assentados da Gleba de Vila Amazônia (COAGVA).

E com relação as enchentes, ele transportava os seus produtos de bajará, que saía do porto próximo a sua residência, até a sede do município. E com relação a vazante, ele transportava os seus produtos pela estrada, até o porto de Vila Amazônia, para transportar na sua bajará os seus produtos, até o município de Parintins/AM.

Não podemos afirmar, se o Entrevistado possui uma relação com o Capital Mercantil Urbano, e nem se ele articula com diversas escalas na rede urbana

Com relação as Atividades de pequena escala – economia de subsistência, o Entrevistado também possui interações entorno da cidade.

O sistema territorial do Entrevistado, é formado a partir da compra de produtos oriundos do agroextrativismo, na qual ele retirava a sua renda, e de onde ele fazia parte de um circuito de comercialização que incorpora a cidade e os territórios circunvizinhos

O Entrevistado, nos relatou que participou de um conflito, envolvendo o seu terreno, no período em que precisou se ausentar por motivos de saúde.

Para que esse conflito fosse resolvido, ele precisou recorrer à justiça, requerendo a reintegração de posse do terreno, visto que, ele detém o Título de Concessão, expedido pelos órgãos competentes.

A plantação do Sr. E. de S., recebe constantemente a invasão das reses bovinas do vizinho, em decorrência da falta de área, causando prejuízos para o entrevistado, visto que eles se alimentam de sua plantação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Nessa pesquisa conhecemos a realidade de uma pessoa, que tirava a sua renda dos produtos oriundos do agro extrativismo, juntamente com os seus parentes, onde atendiam semanalmente, os comércios e freiras da cidade de Parintins.

O estudo voltado para as redes de sociabilidade na Comunidade Santana do Miriti, situada no Assentamento Vila Amazônia, município de Parintins (AM), mostrou que a rede social, produtiva e territorial compõe a base para interação comunitária e são aspectos fundamentais para a manutenção da prática econômica e cultural da região. Constatou-se que a sociabilidade se organiza a partir de relações de parentesco, vizinhança e cooperação formando uma rede de atividades da agricultura familiar e do agroextrativismo.

As redes são responsáveis por garantir a circulação de produtos, informações, demonstrando que o espaço rural e o urbano amazônico mantêm uma interdependência constante, característica do Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho (STUR). A partir do relato do colaborador central da pesquisa, verificou-se que a vida comunitária é de acordo com as condições naturais do território como o acesso fluvial, a sazonalidade e a estrutura quanto pelas práticas culturais e produtivas que consolidam os vínculos sociais e econômicos.

## **REFERÊNCIAS**

BARTOLI, Estevan. **Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho: dinâmicas e redes socioespaciais na Amazônia.** Manaus: EDUA, 2018.

BARTOLI, Estevan. **Redes e territórios na Amazônia: a dinâmica urbano-ribeirinha e a integração regional.** Manaus: EDUA, 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- Espodossolo. **Solos Tropicais**. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em 05 de dez. de 2025.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRANOVETTER, Mark. **Economic action and social structure: the problem of embeddedness**. *American Journal of Sociology*, v. 91, n. 3, p. 481–510, 1985.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Economia solidária e redes de comercialização na agricultura familiar**. Brasília: IPEA, 2020.
- MARQUES, Eduardo Cesar Leão. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP; Centro da Metrópole, 2010.
- MEDEIROS, Mônica Xavier de et al. Puxiram de histórias: lutas por terras e águas em Vila Amazônia/Parintins (1980-2000). 2017. Disponível em <https://repositorio.pucsp.br> . Acesso em 04 de dez. de 2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SILVA, Maria do Carmo de Oliveira. **A paisagem na Gleba Vila Amazônia: a impressão na fisionomia de terra firme pelos Sistemas Agroflorestais Espontâneos**. 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br>. Acesso em 05 de dez. de 2025.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- YURI, Pinheiro; SICSÚ, Daniel. **Produtores rurais comemoram entrega de três caminhões para a gleba de Vila Amazônia em Parintins**. PAM Parintins Amazonas. (2020). Disponível em: <https://www.parintinsamazonas.com.br>. Acesso em 05 de dez. de 2025.